

# **APROPRIAÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA: É POSSÍVEL ALFABETIZAR LETRANDO AOS SEIS ANOS?**

Magna do Carmo Silva Cruz \*  
Eliana Borges Correia de Albuquerque \*\*

## **Resumo**

Este artigo apresenta os principais resultados de um estudo de caso que teve por objetivo analisar a relação entre as práticas de alfabetização de uma professora que lecionava no 1º ano do 1º ciclo em uma escola de referência da Secretaria de Educação Municipal do Recife – PE e a aprendizagem dos alunos no que se refere ao ensino do Sistema de Escrita Alfabética. Foram utilizados como procedimentos metodológicos uma entrevista com a professora e a aplicação de uma diagnose com os alunos envolvendo atividades de escrita de palavras e texto. A análise dos resultados apontou que, possivelmente, a prática da professora baseada no “alfabetizar letrando” teria possibilitado a 87% dos alunos concluir o ano na fase alfabética de escrita, produzindo textos coerentes e legíveis.

**Palavras-chave:** Alfabetização, letramento, ciclo.

## **Abstract**

This article presents the main findings of a case study developed to analyze the relation between the practice of initial literacy of a teacher who taught to the 1<sup>st</sup> grade of 1<sup>st</sup> cycle of Primary School and the learning of the pupils as for the teaching of the System of Alphabetical Writing. The research was carried out in a municipal school of Recife City (Pernambuco State) in which students had high levels of attainment in a national testing. The research involved as methodological procedures an interview with the teacher and the application of one diagnose with the pupils involving activities of writing of words and text. The analysis of the findings pointed out that the practice of the teacher based on “Alfabetizar Letrando” (teaching literacy using a variety of texts and ways of organising the pedagogic practice) helped 87% of the pupils to finish the school year in the alphabetical phase of writing, producing coherent and legible texts.

**Keywords:** Initial literacy, literacy, cycle.

## **Introdução**

Ao desenvolvermos esse artigo, concordamos que não basta promover à criança apenas o acesso à leitura e escrita; é imprescindível que essa criança torne-se leitor e produtor de textos; vindo a alfabetização tornar-se um instrumento pela conquista da cidadania e fator decisivo do seu exercício (SOARES, 1989). Há certo consenso entre pesquisadores, com exceção de poucos, de que a alfabetização num sistema ciclado ocorreria com maior apropriação por parte dos alunos, por garantir um espaço de aprendizagem amplo, respeitando o desenvolvimento individual de cada um. Considera-se, portanto, como um dos processos inclusivos a apropriação da língua escrita pela criança e seu uso em instâncias públicas e privadas de forma autônoma por meio do 1º ciclo.

Para isso, a apropriação da alfabetização e do letramento devem ser considerados processos específicos com metas definidas. Não há, porém, na proposta curricular da Secretaria Municipal de Educação de Recife, enfoque específico quanto aos conteúdos e metas no ensino da leitura e da escrita a cada ano

do 1º ciclo. Nesta proposta, o 1º ciclo é considerado “o ciclo de alfabetização” e engloba os três primeiros anos do ensino fundamental. Apesar dessa ampliação, dados atuais mostram que alguns alunos têm chegado ao fim desse período sem o domínio do Sistema de Notação Alfabética apresentando profundas dificuldades em leitura e produção textual

Soares (2003a) aponta como um dos fatores desse fracasso, na apropriação da alfabetização pelas crianças, o fato do ciclo não ter uma definição de metas e objetivos ao longo dos anos que o compõem, causando a perda da especificidade da alfabetização durante o processo de escolarização e a não apropriação dos alunos desse objeto específico de conhecimento, promovendo os baixos índices de alunos alfabetizados ao longo do mesmo.

O maior desafio da alfabetização no ciclo, portanto, é proporcionar aos alunos experiências de reflexão sobre as palavras junto ao desenvolvimento de habilidades metafonológicas, estimulando a apropriação da alfabetização, paralelo a um trabalho na perspectiva do letramento. Essa alfabetização deveria ocorrer em tempo oportuno a cada criança e

\* Professora das redes municipais de Recife e Jaboatão – PE. Formadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE. Mestranda do PPGE – UFPE. E-mail: [magna\\_csc@yahoo.com.br](mailto:magna_csc@yahoo.com.br)

\*\* Professora do PPGE – UFPE. Coordenadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE. E-mail: [elianaba@terra.com.br](mailto:elianaba@terra.com.br)

garantindo já no 1º ano do 1º ciclo que esse aluno, aos 6 anos, se alfabetize, ficando os outros dois anos do ciclo para o aprofundamento e a construção da autonomia na leitura e na escrita.

Portanto, esta pesquisa é um recorte de um estudo em andamento e teve por objetivo analisar a relação entre as práticas de alfabetização de uma professora que lecionava no 1º ano do 1º ciclo em uma escola de referência da Secretaria de Educação Municipal do Recife e a aprendizagem dos alunos de 6 anos no que se refere ao ensino do Sistema de Escrita Alfabética.

### **Perspectivas teóricas e práticas atuais de alfabetização**

A partir da década de 1980, com os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), posturas teóricas sobre a alfabetização passaram a ser questionadas e revistas. Por um lado, a Teoria da Psicogênese da Escrita passa a considerar o processo de construção da criança sobre o Sistema de Escrita Alfabética (doravante SEA) e a natureza dessa escrita como característica de um sistema notacional, que se caracteriza por grafar (notar) a pauta sonora das palavras por meio da relação grafema-fonema (MORAIS, 2005). Por outro lado, teóricos da consciência fonológica relacionam a capacidade de reflexão metalinguística da criança ao seu sucesso/insucesso na alfabetização.

A apropriação da notação alfabética, segundo Moraes (2004), é explicada atualmente por essas duas linhas teóricas. Buscando um ponto de intersecção, ele aponta que no processo de apropriação da escrita alfabética a criança faz uso de habilidades metafonológicas para descobrir o que a escrita nota e como a escrita cria essas notações na elaboração de hipóteses silábicas e alfabéticas. Em suas análises, ele enfatiza que as mudanças vivenciadas evolutivamente na aquisição da escrita pela criança poderiam influenciar no desenvolvimento das habilidades metafonológicas.

Um outro eixo que tem suscitado discussões a partir da década de 1990 é a necessidade de se alfabetizar letrando. Segundo Soares (2003b), alfabetização e letramento são processos interdependentes e específicos e não tratar a alfabetização com especificidade é desinventá-la.

Moraes (2003) enfatiza que, se queremos alfabetizar numa perspectiva de letramento, devemos proporcionar sistematicamente a apropriação da notação da escrita e do seu uso social real pela criança a fim de garantir que se tornem autonomamente letradas, exercitando a capacidade de ler e escrever textos com as características e finalidades que as pessoas letradas utilizam a escrita em nossa sociedade.

Pesquisas apontam que após duas décadas de discussão envolvendo a alfabetização, ainda há muitos professores que usam cartilhas e métodos tradicionais de alfabetização na própria estrutura seriada e de ciclos; outros, simplesmente, não acreditam que haveria métodos na alfabetização, vindo esta a ocorrer de forma espontânea.

Oliveira (2004) realizou uma pesquisa, nos três anos do 1º ciclo da Prefeitura da Cidade do Recife, buscando ver, por meio da técnica de grupo focal com as professoras e a análise dos registros nos diários das docentes, como estava ocorrendo o ensino e a avaliação do aprendizado do SEA no 1º ciclo. Os resultados dessa pesquisa apontaram que as professoras, apesar de afirmarem uma busca pelo alfabetizar letrando nas suas falas, revelaram uma dificuldade em explicitar as formas de ensino e conhecimentos a serem apropriados pelos aprendizes ao fim de cada ano letivo do 1º ciclo. Desta forma, havia a expectativa de que o professor do próximo ano desse conta das lacunas de aprendizagem das crianças.

Frigotto (2005), desenvolveu sua pesquisa com o objetivo de analisar quais as práticas levam à não aprendizagem na leitura e na escrita. Essa pesquisa enfocou os três anos do 1º ciclo de uma escola do Rio de Janeiro com baixo rendimento na aprendizagem da alfabetização ao final do 1º ciclo. A metodologia desenvolvida envolveu a observação participativa e entrevistas com os/as professores/as e as crianças, a equipe técnica e o diretor da escola. Além disso, foi recolhido o material produzido pelas crianças para análise.

Os resultados dessa pesquisa apontam por um lado que, mesmo submetidas a práticas gramaticais de ensino, essas crianças do 1º ciclo desenvolvem capacidades textuais de monitorar e produzir seus textos. Por outro lado, mostram também que a escola pública continua produzindo um baixo desempenho, apesar de organizar o sistema em ciclos; pois há a ausência de uma avaliação de um ano ao outro, não proporcionando uma aprendizagem sistemática. Segundo a autora, um trabalho em uma concepção dialógica de linguagem, no ciclo, provocaria um salto qualitativo.

Em pesquisa recente, Albuquerque, Ferreira e Moraes (2005) buscaram analisar quais os conhecimentos que os professores têm da alfabetização e das práticas de letramento e como eles estão sendo reconstruídos em suas práticas de ensino. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de nove professoras do 1º ano do 1º ciclo da Secretaria de Educação da Cidade do Recife no ano de 2004, por meio de observação participante, análise dos livros utilizados pelas docentes para o ensino da leitura e da escrita e dos cadernos dos alunos. Além disso, foram realizados, mensalmente, encontros de grupo focal sobre a temática da alfabetização.

Dentre as análises realizadas, os autores afirmam que as docentes acompanhadas na pesquisa demonstravam ter um razoável conhecimento das propostas didáticas que privilegiavam a realização de práticas de leitura e produção textuais, desde o início da escolarização formal. Desta forma, as práticas das professoras foram classificadas em três tipos: práticas sistemáticas, que envolviam, além de atividades de leitura e produção de textos, a realização diária de atividades de reflexão sobre os princípios do SEA; práticas intermediárias, que equilibravam as atividades de leitura e produção de textos com as de apropriação do SEA, realizadas de vez em quando; e, por fim, práticas assistemáticas que priorizavam o trabalho de leitura de textos de diversos gêneros textuais; porém, não tinham um trabalho sistemático de apropriação do SEA por meio de atividades específicas.

Os resultados apontaram que as crianças das professoras cujas práticas foram classificadas como assistemáticas concluíam o 1º ano sem se apropriarem do SEA e precisariam realizar essa apropriação nos anos seguintes. Já os alunos das professoras que desenvolviam uma prática sistemática de alfabetização tiveram os melhores desempenhos em uma atividade de escrita de palavras (ditado) aplicada ao final do ano letivo.

### **Ampliação do Ensino Fundamental: alfabetização aos seis anos**

Uma das grandes discussões atuais em educação gira em torno da ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos e a proposta de que, com esse aumento de um ano, seja garantido um ensino mais ampliado ao aluno. O Plano Nacional de Educação aponta o ensino de 9 anos e a inserção da criança de 6 anos na escola como meta nacional. Além disso, O documento lançado pelo MEC *Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade* traz algumas discussões sobre esse tema que são pertinentes para a compreensão da problemática da alfabetização e letramento já aos 6 anos.

Como forma de diminuir o “apartheid educacional”, Morais (2007) aponta a importância de alfabetizar já aos seis anos; ou seja, no 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos). Segundo ele, por um lado, o baixo rendimento das classes populares aliado ao fato de que a Educação Infantil não é assegurada no meio popular, marca o fracasso exclusivo dos meios populares na apropriação da alfabetização; por outro lado, os referenciais curriculares são omissos e não preceituam com clareza as metas e objetivos na leitura e na escrita.

Em pesquisa realizada com alunos de escola pública (MORAIS, 2004), o autor acima citado constata que as crianças chegam à escola com hipóteses

muito iniciais (pré-silábica) aos seis anos, diferentemente das crianças de escola particular que chegam à escola em níveis mais elaborados.

No processo de alfabetização, é a vivência da criança na prática de leitura e escrita que determinam o ritmo de apropriação e a fluência dos conhecimentos apropriados. Sendo assim, quanto mais sistemáticas e precoces forem essas vivências e construções pelos alunos, mais rápida e efetiva se dará a apropriação da alfabetização por eles.

Entendemos que uma imersão na cultura escrita e a maior vivência em atividades de reflexão sobre as palavras; uma maior busca pela alfabetização sistemática com definição de metas específicas; uma formação continuada competente e práticas baseadas no alfabetizar letrando possibilitariam a apropriação já aos seis anos da Notação Alfabética pela criança ficando os outros dois anos do 1º ciclo para a sistematização e aprofundamento dos conhecimentos sobre a escrita e a leitura.

### **Metodologia**

Participaram da pesquisa 15 alunos do 1º ano do 1º ciclo de uma escola de referência da Prefeitura da Cidade do Recife, filhos de famílias de um bairro popular do Recife, com idades entre 6 e 7 anos, no fim do período letivo. A escola escolhida ficou entre as quatro melhores médias do Recife na avaliação da ANRESC (Avaliação Nacional do Rendimento Escolar). Na escolha da turma, foi levado em conta o fato da docente ser uma professora do 1º ano do 1º ciclo, ter disponibilidade e ser indicada pela coordenação, direção e outros professores da escola como a que tem prática diferenciada de ensino da leitura e da escrita.

Como procedimentos metodológicos da pesquisa, foram utilizadas uma entrevista com a professora sobre a sua prática docente e duas atividades diagnósticas em uma única sessão, no final do ano letivo, para verificar se havia apropriação pelos alunos da Escrita alfabética já aos 6 anos. A primeira atividade correspondeu a um ditado mudo que envolveu a escrita de oito palavras: duas monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas e duas polissílabas. Essa atividade teve por objetivo identificar o nível de compreensão do SEA e norma ortográfica pelos alunos, com base em Ferreiro e Teberosky (1999) e Morais (1998, 1999). Foi acordado oralmente o que cada figura representava antes do início da escrita das palavras pelos alunos. A outra atividade consistiu na reescrita do texto “A cigarra e a formiga”. Inicialmente o texto foi lido pela pesquisadora e em seguida os alunos foram solicitados a produzir por escrito a história ouvida.

### **Resultados**

Para melhor compreensão dos resultados, o corpus da pesquisa foi dividido em três partes: mape-

amento quanto à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e ortográfico no ditado, avaliação da textualidade na produção textual e análise das concepções e da prática de alfabetização e letramento da professora por meio da entrevista.

**1. Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e ortográfico**

A análise da escrita das crianças na atividade do ditado mudo possibilitou mapear a compreensão que tinham sobre o SEA. As escritas foram categorizadas em cinco níveis, descritos a seguir, de acordo com as fases da escrita desenvolvidas por Ferreiro e Teberosky (1999) e com os estudos realizados por Morais (1999).

- 1- Pré-silábico: as crianças não estabelecem relação entre a escrita e a pauta sonora das palavras, escrevendo com letras aleatórias ou outros símbolos;
- 2- Silábico: as crianças escrevem, para cada sílaba da palavra, uma letra (silábico quantitativo), podendo esta ter correspondência sonora com a sílaba representada (silábico qualitativo);
- 3- Silábico alfabético: as escritas das crianças oscilam entre a silábica e a alfabética;
- 4- Alfabético com muitas trocas de letras (não domínio das correspondências regulares diretas): os alunos compreendem que as sílabas são compostas por unidades menores e conseguem representar os fonemas, embora ainda troquem muitas letras;
- 5- Alfabético com razoável domínio das correspondências grafofônicas diretas;
- 6- Alfabético com razoável domínio das regularidades contextuais e morfo-gramaticais.

TABELA 1

Apropriação da escrita alfabética e ortográfica no ditado

Níveis	1º ano	
1	-	0%
2	-	-
3	2	13%
4	-	-
5	3	20%
6	10	67%
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

A Tabela 1 apresenta o desempenho dos alunos na atividade do ditado mudo. No que se refere à escrita de palavras, 87% dos alunos terminaram o ano letivo alfabéticos; destes, 67% destes com razoável domínio das regularidades contextuais e morfo-gramaticais. O resultado indica que crianças aos seis anos (1º do Ensino Fundamental) podem se apropriarem do SEA, deixando para os anos seguintes um maior aprofundamento nas práticas de leitura e escrita, vindo a participar dessas atividades com uma maior autonomia.

**2. Avaliação da textualidade**

Nesse tópico, os textos dos alunos foram analisados segundo o nível de textualidade considerando a estrutura do gênero história. Apenas os textos considerados legíveis foram analisados (67% das produções) e categorizados nos seguintes níveis, de acordo com Albuquerque (1994):

**Não-história.** As produções se restringem a palavras, frases, seqüências de ações, relatos de experiência pessoal.

**Começo de história,** com introdução de cena e dos personagens. Observam-se marcadores lingüísticos convencionais de começo de histórias. Algumas produções apresentam seqüências de ações.

**3a. Introdução da cena e dos personagens,** com a presença de marcadores lingüísticos convencionais de começo de histórias, apresentando também uma ação que sugere o início de uma trama.

**3b. Semelhante à anterior,** as produções possuem tentativa de resolução da situação-problema ou evento inicial. O desfecho está ausente.

**4a. Produções que apresentam a seqüência de ações completa,** no entanto os personagens, cenários, situação-problema e desfecho podem vir, um ou outro, pouco explicitados. Podendo apresentar um final convencional ou não.

**4b. Produções que apresentam histórias completas com estrutura narrativa elaborada.** Podendo apresentar um final convencional ou não.

TABELA 2  
Nível de textualidade

Categorias	1º ano	
1	-	-
2	-	-
3a	-	-
3b	-	-
4a	6	60%
4b	4	40%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

A Tabela 2 apresenta o percentual de textos em cada nível de textualidade. Todos os textos foram categorizados como produções com seqüência de ações completas coesas e coerentes, variando apenas o nível de explicitação dos elementos da história. Os resultados apontam para a possibilidade de os alunos do 1º ano ao mesmo tempo em que estão se alfabetizando, no sentido de estarem se apropriando do SEA, estarem também ampliando suas experiências de letramento e desenvolvendo uma competência de produção textual, conforme exemplificado na produção textual de um aluno dessa turma.

RECONTE A HISTÓRIA DA "CIGARRA E A FORMIGA" DO SEU JEITO.

A Cigarra e a Formiga Feliz  
era uma vez uma Cigarra que  
admirava cantar durante o verão  
mais estava chegando o inverno  
e ela parou de cantar ela  
estava sem abrigo e foi procurar  
ajuda e encontrou o formigueiro  
e bateu na porta e uma  
formiga abriu e disse o que  
quer e a cigarra disse seria que  
você pode me dar abrigo e a  
formiga disse e claro que eu  
posso e a formiga e a cigarra  
fizeram amigos sempre FIM

### 3. Concepções e prática de alfabetização e letramento da professora

Para melhor compreensão dos dados obtidos, realizamos uma entrevista com a professora da turma sobre a sua prática de ensino da leitura e da escrita. A professora atuava no ensino em turmas de alfabetização há 35 anos, 25 na Rede de Ensino Estadual e 10 na Rede de Ensino Municipal.

No relato sobre o perfil de entrada dos alunos, a professora afirmou que a maioria estava em níveis iniciais de aquisição da escrita, como pode ser observado no trecho a seguir:

No início do ano, só 4 alunos vieram no nível alfabético. Entendeu? Em processo de apropriação ainda da língua. E o restante, vieram 4 no nível silábico e 10 pré-silábicos. Entendeu? Foi assim que eu encontrei a turma bastante heterogênea com relação à compreensão do sistema. Entendeu? A maior parte dessas crianças no pré-silábico.

O bom desenvolvimento em termos de apropriação da Escrita Alfabética nesta turma pode ser explicado, primeiramente, pelos tipos de atividades desenvolvidas, que envolviam o trabalho com palavras estáveis (como os nomes dos alunos), a reflexão de palavras no que se refere às partes sonoras que as constituem (atividades de análise fonológica), a leitura de diversos gêneros textuais, a produção de textos, o uso de vários jogos, entre outras. A seguir, apresentaremos algumas falas da professora sobre essas atividades:

Inicialmente, eu sempre gosto de começar a trabalhar com os nomes próprios. Primeiro

por conta da identidade deles e outra que é motivo de interesse.

A gente faz um trabalho em cima de poemas, quadrinhas, em cima de rimas (...) O meu trabalho sempre foi assim...trabalho de cantigas de roda, parlenda, técnicas diferenciadas. Dou a eles o poema todo cortadinho, daí eles cortam e depois arrumam. Em cima de construção de cartazes, de historinha e a reescrita de historinha,

Em relação às atividades do sistema em si...quando eu digo que trabalho com textos..é que dentro daquelas atividades eu tiro a palavra e trabalho

Trabalho também muito com abecedário, entendeu? Eu acho que o abecedário é uma coisa maravilhosa..muito bom pra que eles consigam compor palavras, né? E eles gostam de formar palavras, eles adoram formar palavras... também aqui tem muito material didático que tem as figuras para que eles formem as palavras com letrinhas...tem figuras com palavrinhas para que eles localizem, tem o bingo fonológico que eu gostava muito de trabalhar com o bingo fonológico, tem o bingo de letras, o bingo de palavras. Trabalho com muitos jogos, muitos jogos a parte lúdica que eles adoram né... Na língua portuguesa, o baralho que eu fazia era o baralho fonológico de figuras...tem o dominó que eles adoram..o dominó silábico: a sílaba e o desenho da figura referente, por exemplo: o PA aí tinha o pato. Ou então de letras ou de palavras. Entendeu? Eu faço muito dominó.

Eu trabalho silabário, quando eu dou pra eles as sílabas e peço para eles formar palavras, não daquela forma: PA, PE, PI, PO, PU ... BA, BE, BI, BO, BU ... e só sai dali quando todo mundo já sabe.. escreve 3, 5 vezes a manhã toda: PA, PE, PI, PO, PU.. Eu trabalhei assim também..entendeu? aí..eu sei fazer a distinção...

Em segundo lugar, a professora demonstrou que estabelecia como sua meta específica para o ensino da alfabetização no 1º ano do 1º ciclo, a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Ela fala sobre isso mais de uma vez na entrevista:

A minha meta era que eles compreendessem o sistema, se apropriassem do sistema e que saíssem realmente produzindo textos.

Mas...a sistematização. Eu acho, sim, que o professor do primeiro ano, ele tem que se preocupar em consolidar essa apropriação do sistema. E quando ele chegar no segundo ano, ele vai entrar dentro de uma realidade de maior desenvolvimento. Entendeu? Então, o

professor do segundo ano, o que que ele vai fazer? Ele vai complementar o que o professor do primeiro ano deixou de fazer.

Eu acho, sim, que o professor do primeiro ano, ele tem que se preocupar em consolidar essa apropriação do sistema. [...] Então, o professor do segundo ano, o que que ele vai fazer? Ele vai complementar o que o professor do primeiro ano deixou de fazer.

Percebemos, também, que ela dá uma ênfase ao letramento e à alfabetização, concebendo-os como dois processos interdependentes e complementares:

Mas isso ia muito mais além. Porque às vezes as pessoas se preocupam com o quê? Com a apropriação do sistema e esquecem da parte do letramento. [...] De trabalhar também a produção de textos, de trabalhar textos diferenciados, de ter contato com outro tipo de texto.

Enfim, os alunos diariamente realizavam atividades de leitura e de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, o que possibilitava que refletissem sobre os princípios desse sistema e que avançassem em suas hipóteses de escrita. A professora falou, também, que realizava atividades diferenciadas, considerando a heterogeneidade da turma.

### Considerações finais

O domínio da escrita alfabética, além de ser instrumento de luta, é condição necessária para a participação efetiva nas práticas de leitura e escrita; portanto, essa pesquisa buscou investigar a apropriação da alfabetização por crianças de 6 anos no 1º ano do 1º ciclo em uma escola da Prefeitura da cidade do Recife.

Percebe-se que a escola tem possibilitado a apropriação da escrita alfabética e contribuído para o letramento escolar, considerando a escrita como objeto de ensino-aprendizagem, pois 87% dos alunos de 6 anos terminaram o ano letivo alfabéticos e produzindo histórias completas com coerência e coesão.

Esse resultado provavelmente estaria relacionado com a prática de alfabetização da professora dessa turma, que, segundo seu depoimento, envolve um trabalho pautado pela meta de promover a apropriação do SEA e voltado para a produção de textos e leitura de gêneros diversos durante todo o ano letivo. Paralelamente, a professora enfatizou que desenvolvia um trabalho diário baseado na apropriação do SEA por meio de atividades específicas de reflexão sobre palavras, sílabas e letras.

Finalmente, os resultados sugerem, por um lado, investimento na formação do professor para que

desenvolva uma alfabetização sistemática e pesquisas que busquem compreender a prática de “alfabetizar-letrando” dessa professora específica, objetivando a compreensão de como se daria um trabalho pautado pelo alfabetizar letrando aos 6 anos.

### Referências Bibliográficas

1. ALBUQUERQUE E. B. C. **O desenvolvimento da consciência metalingüística de texto e sua relação com a produção**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Univ. Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva. Recife, 1994.
2. ALBUQUERQUE, E. B. C., FERREIRA, A. T. B. E MORAIS, A. G. **As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras alfabetizadas?** 26ª Reunião Anual da ANPEd, GT 10, 2005.
3. FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 33,34.
4. FRIGOTTO, E. **A leitura e a escrita nos ciclos de formação**. 26ª Reunião Anual da ANPEd, GT 10, 2005.
5. MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 1998.
6. \_\_\_\_\_. **O aprendizado da ortografia**. São Paulo: Autêntica, 1999
7. \_\_\_\_\_. **Alfabetização numa perspectiva para o letramento: conciliando a escrita alfabética com o trabalho com texto**. Comunicação apresentada no curso desafios da alfabetização, do programa de Formação Continuada dos Educadores da Rede Municipal de Ensino – Recife: 2003.
8. \_\_\_\_\_. A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39. n. 3, p. 35-48, set. 2004.
9. \_\_\_\_\_. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? In: MORAIS, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 29 – 46.
10. \_\_\_\_\_. **Concepções e metodologias de alfabetização : Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos**. Palestra ministrada no Seminário de alfabetização e letramento em 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_moisconcpmetodalf.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moisconcpmetodalf.pdf)
11. OLIVEIRA, S. A. **O ensino e a avaliação do Sistema de Escrita Alfabética numa escolarização organizada em ciclos**. Dissertação (Mestrado em Educação), Univ. Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Educação. Recife, 2004.
12. SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.
13. \_\_\_\_\_. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPEd, 2003.
14. \_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b. p. 31 - 40.

Recebido em 23/09/2007

Aceito em 30/10/2007